

## MUDANÇAS

**\*Roberto Rodrigues**

Gerações de profissionais das Ciências Agrárias se formaram com a informação de que a Economia Rural está baseada no tripé terra, capital e trabalho.

Pois bem, isto mudou. Pode-se dizer, no mínimo, que um quarto fator se soma àqueles três: tecnologia. E, forçando o raciocínio, pode-se dizer mais: que a tecnologia tem hoje peso maior que terra e trabalho, e o capital deve ser direcionado à compra da tecnologia correta.

Que resultado pode ter um dono de muita terra, trabalhador e rico que não use tecnologia? Ele não se modernizará, e empobrecerá.

Boa parte desta novidade se deve à globalização da economia e conseqüente aumento da competitividade nos mercados globais. Sem produtividade e qualidade no produto final e sem sustentabilidade, é impossível conquistar mercados e tudo isso só se consegue com tecnologia.

Portanto, está claro que o velho conceito de economia rural está superado pelo novo cenário concorrencial. E não se trata apenas de gerar tecnologia nos órgãos de pesquisa. Tão importante quanto isso é a difusão do conhecimento aí gerado. Muitas vezes o produtor tecnificado tem um vizinho ao qual, por qualquer razão, não chegou a informação. Este está fadado ao fracasso, enquanto aquele sairá vencedor.

Outra interessante observação é a mudança das peculiaridades do processo de produção agropecuária, muito bem assinalada pelo professor Luis Carlos Guedes Pinto, ex-Ministro da Agricultura.

Ele mostra algumas características tradicionais, como o caráter biológico da atividade rural, a produção cíclica, a dependência da natureza e a volatilidade dos preços. Também indica outros temas mais novos, como a grande quantidade de produção que aumenta a oferta, a perecibilidade, o alto custo da armazenagem (especialmente de produtos de origem animal) e o fato do produtor não formar preços.

Não há dúvida quanto ao caráter biológico da produção agropecuária: o empresário rural trabalha com seres vivos, animais e plantas, sem falar na essencial microbiologia que está dentro da terra. Ignorar a estreita relação da atividade com a natureza é fatal. Muitos mega investidores que se atiram à produção agropecuária sem esta visão – só porque tem bastante dinheiro para aplicar – quebram logo no começo do investimento, como se viu recentemente no setor sucroenergético.

Esta relação com os recursos naturais determina também a oferta cíclica dos produtos agrícolas. É claro, ninguém produz sem chuva suficiente e calor adequado, condições básicas para o ciclo de desenvolvimento das plantas. Cada espécie tem seu ciclo. A conseqüência disso é que a oferta dos produtos se dá de forma concentrada. Produtores da planta X vão ao mercado todos juntos, porque o ciclo daquela planta é igual para todos. Isso concentra a oferta, determinando a volatilidade dos preços. E pior: como são milhares de produtores e os compradores são poucos, o mercado é desequilibrado e até injusto em certos casos. Tem algo ainda pior: há produtos muito perecíveis, que

estragam logo – como frutas, legumes e verduras – de modo que as cadeias de comercialização precisam se preocupar com o produtor, e nem sempre isso acontece. Por isso, ele não faz o preço, nem dos insumos e nem do seu produto. E agora surgem os Fundos especuladores, que interferem ainda mais na formação dos preços.

Todos estes temas, novos alguns, velhos outros, exigem políticas públicas, uma estratégia para a economia rural, sob o claro conceito de que não existe abastecimento sustentável sem produção sustentável.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**